

**A NOVA GOVERNAMENTALIDADE BIOPOLÍTICA E O SUJEITO
SUJEITADO: COMO SAIR DO ESTADO DE MENORIDADE E
ALCANÇAR A VERDADEIRA LIBERDADE?**

**THE NEW BIOPOLITICAL GOVERNMENTALITY AND THE SUBJECT
SUBJECTED: HOW TO GET OUT OF MINORITY STATUS AND
ACHIEVE THE TRUE FREEDOM?**

Rodrigo Toaldo Cappellari¹

Inácio Cappellar²

RESUMO:

O presente artigo visa proporcionar uma reflexão acerca do tema da nova governamentalidade biopolítica estudada por Michel Foucault, analisando suas origens e contexto histórico, para após, se analisar a falsa sensação de liberdade proporcionada neste novo sistema de governar, que de modo obscuro, sujeita os sujeitos, sendo que os mesmos não conseguem visualizar tal sujeição. Posteriormente, discute-se as possibilidades de se sair do estado de minoridade e sujeição que reflete esta falsa liberdade, visando-se alcançar a verdadeira liberdade, a qual será mostrado, que somente se conseguirá alcançar mediante a constante prática do cuidado de si.

Palavras-chave: Foucault. Governamentalidade. Biopolítica. Liberdade. Ética.

ABSTRACT

This article seeks to provide a reflection on the theme of the new biopolitical governmentality studied by Michel Foucault, analyzing their origins and historical context for later, analyze the false sense of freedom given in this new system of

¹ Advogado. Professor da Universidade de Caxias do Sul - UCS e da Faculdade de Integração do Ensino Superior do Cone Sul - FISUL. É Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, especialista em Direito Público pela Escola Superior da Magistratura Federal no Rio Grande do Sul - ESMAFE/RS, Especialista em Marketing pela Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves - FACEBG, Graduado em Direito pela UCS, Graduação em Administração pela FACEBG.

² Advogado, Professor da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS, Especialista em Administração e Marketing pela Universidade de Caxias do Sul/RS, Especialista em Teoria Geral do Processo pela Universidade de Caxias do Sul/RS, Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS. Doutorando em Direito Ambiental pela Universidade de León – Espanha.

government, that on a obscure way, subjects the subject, and they can not see this entry. Later, discussing the possibility of abandoning the status of minority and subjection that reflects this false freedom, aiming to achieve the true freedom, which will be shown, only can be achieved by the constant practice of care of the self.

Keywords: Foucault. Governmentality. Biopolitics. Freedom. Ethics.

INTRODUÇÃO

Sem sombra de dúvidas, das grandes contribuições que Michel Foucault deixou para a humanidade, pode-se destacar a sua filosofia acerca de questões como biopoder e governamentalidade, bem como aspectos inerentes ao tema, como a liberdade verdadeira do sujeito; o sujeito sujeitado, que acha que é livre mas na verdade é manipulado; a questão do cuidado de si visando a instrução do sujeito para a saída da menoridade e então, poder ter um governo de si.

Como analisaremos no decorrer deste estudo, o filósofo buscará demonstrar que a governamentalidade atual vai além das antigas sociedades de punição e vigilância.

A nova sociedade trazida por Foucault, é onde se exercita a soberania política através de práticas governamentais incidentes sobre o comportamento das pessoas, visando guiá-las, controlá-las e direcionar suas condutas.

É nestas práticas que para o filósofo, surgirão as condições necessárias para se exercer o governo da conduta humana, e então, almejar uma maior governabilidade de *populações*, uma governamentalidade biopolítica.

Nos estudos que se analisará, Foucault irá visualizar uma nova proposta de exercer a soberania política de um Estado, uma nova concepção de governo e política, que irá tratar por governamentalidade.

Esta nova governamentalidade biopolítica, que estará focada em grandes populações, terá por fundamento as análises estatísticas, e desta nova forma de gerir a população é que se irá denotar uma nova forma de Estado, de soberania, de direito e até de sociedade.

Neste novo Estado, há uma profunda transformação na filosofia política, já que o Estado passará a ser visto como um produto, um resultado de práticas governamentais, as quais remontam à época do poder pastoral, onde a população não era nada mais que um rebanho seguindo seu líder.

É exatamente nesta diretriz, que a nova governamentalidade buscará governar a vida das pessoas. Mediante tecnologias de governo, o Estado buscará induzir e direcionar a vontade dos indivíduos, através da produção e controle dos desejos.

Mesmo estando em uma sociedade completamente rondada de *aparentes liberdades*: liberdade de comércio, de locomoção, de produção; o sujeito não estará livre, ele estará sendo direcionado por técnicas governamentais da economia política.

Neste sentido, mesmo o indivíduo estando em um meio de liberdade, onde aparentemente é completamente livre, ele está amarrado às técnicas de governo, é um sujeito sujeitado, forçado a seguir a andar em certa diretriz, e até induzido a querer e desejar certa coisa, por influência destas técnicas.

Atualmente, em nossa sociedade neoliberal, é nítida a operação destas ferramentas de governo tanto no setor público como privado em modismos, propagadas e todas outras ferramentas de *marketing*.

Não há o que se fazer, estamos inseridos neste contexto e devemos nos adaptar. A única forma de ser verdadeiramente livres, é segundo Foucault, através da ética do cuidado de si. É através do cuidado de si, que poderemos sair da menoridade, como diria Kant.

É saindo da menoridade que poderemos analisar que estamos nos defrontando com uma técnica de sujeição governamental, e tomarmos uma atitude perante esta situação. Cuidando de si, e saindo da menoridade, é que poderemos nos sentir realmente livres.

Neste sentido, é por esta linha de raciocínio, que pretende-se trabalhar o presente artigo. Primeiramente, investigar como Foucault visualiza esta nova governamentalidade biopolítica, após, analisar a falsa sensação de liberdade proporcionada neste novo sistema de governar, visando, ao fim, discutir-se as possibilidades de se sair do estado de menoridade e sujeição que reflete uma falsa liberdade, visando-se alcançar a verdadeira liberdade, que somente conseguirá se alcançar, mediante a prática do cuidado de si.

1 O GOVERNO DOS OUTROS

Foucault, em seus estudos, aponta para um esgotamento de valores que vigoraram até o início do Século XX.

Sua opinião visa analisar e destruir convicções tidas até então, problematizando o passado e perguntando-se pela atualidade.

A preocupação do filósofo com o *tempo presente* da vida, o agora, faz com que Foucault em suas aulas, análise a questão do esclarecimento, baseado no Texto de Kant, *Was ist Aufklärung*, que analisaremos no decorrer do estudo.

Com base nesta reflexão, poderemos analisar aspectos como, o que se passa hoje, agora. O que é o presente que faz sentido atualmente.

Destas reflexões, percebe-se o quanto estão influenciados os sujeitos pela nova ordem governamental.

Esta reflexão acerca da governamentalidade, é que o filósofo irá tratar no livro *El Gobierno de Si y de los Otros* (FOUCAULT. 2009), e verificará uma ligação direta que existe entre o poder e verdade, que está ligada a relação de verdade e ética, e por fim, está ligada a relação entre ética e a subjetividade do indivíduo.

Analisa-se, ainda, como se é possível dirigir a vontade das pessoas, e como na história essa vontade foi dirigida, bem como a questão da necessidade de se ver a ética como um aprendizado, como uma forma que o sujeito tenta se constituir a si próprio.

Em *Segurança, Território e População* (FOUCAULT, 2008), o filósofo faz uma análise do poder como possibilidade de Ser, defende que não há relação humana sem poder e que a verdade é aquilo que aceitamos como verdadeiro, sendo que isto tem um impacto direto na vida e no modo de ser do sujeito, e esta Crença terá grande efeito no poder sobre o Ser.

Segundo Foucault (2009), os discursos são constituídos de verdade, e tem impacto no sujeito ouvinte, e por isto, nestas situações é que se deve buscar a ética, na relação do homem com a verdade.

Para o filósofo, o sujeito deveria tentar atingir a excelência da virtude da autonomia. A liberdade não existe e nasce com o ser. Ela se constrói. É a ética como cuidado de si.

Em toda esta análise, pode-se perceber a vida humana como um recurso útil com potencial produtivo: técnicas de persuasão, formação de consciência, indução de vontades.

Todas estas técnicas, estratégias de governamentalidade da vontade dos outros, são exercidas pelo poder. O poder sobre o governo da vontade dos outros.

Este poder sobre a vida humana, surge dos discursos persuasivos dos governantes, com o claro intuito de influenciar os sujeitos sujeitados aos objetivos do governo, seja na área econômica, financeira, ou até de convencimento de certa empreitada militar, como é o caso das recentes guerras organizadas pelos Estados Unidos com um propósito defendido perante a população, e sabe-se, que por traz, existem outras intenções.

Tudo isto, todas estas diretrizes, são táticas e estratégicas utilizadas para se governar a vontade dos outros.

Produz-se verdades, através dos discursos, e com isso, estas verdades influem na subjetividade do sujeito, uma vez que a verdade é aquilo que aceitamos como verdadeiro.

Toda este raciocínio, tem um impacto direto na vida e no modo de ser dos indivíduos membros de uma sociedade, e esta produção de crenças estará intimamente ligada com o poder que o influenciados terá sobre o indivíduo sujeito.

2 PODER, VERDADE E GOVERNAMENTALIDADE

Neste sentido, é que Foucault analisará de que forma e com que meios, que até então utilizou-se para dirigir a vontade das pessoas.

Desta forma, Foucault irá fazer uma genealogia visando uma análise de como, ao longo da história, a vontade das pessoas foram guiadas, dirigidas, persuadidas pela vontade do governante, visando entender indagações como: como é possível dirigir a vontade das pessoas; como na história essa vontade foi dirigida; assim como o que é necessário e/ou o que foi feito, para tentar se sair deste estado de sujeição.

Assim, o filósofo também abordará em seus estudos, aspectos como a questão da necessidade de se ver a ética como um aprendizado, como uma forma que o sujeito busca andar com as próprias pernas e se tornar esclarecido, sair deste estado de sujeição, tentar se constituir a si próprio, sem influências de terceiros, como veremos adiante.

Desta forma, o pensador, que baseava seus estudos filosóficos no método genealógico, defendia a idéia de que as pessoas deveriam fazer uma genealogia de suas próprias verdades e convicções: por que sou o que sou? Sou o que realmente acredito ser? Minha consciência é formada por convicções minhas ou influenciadas por outros? Com base em que valores está formada minha consciência? A minha filosofia de vida é a correta para mim?

A busca destas respostas, Foucault tentará encontrar não analisando formas de governos, discursos políticos, mas sim, elaborando uma gênese nos tratados de medicina, urbanismo, planejamento de cidades, questões de economia.

A partir destas análises, é que irá se referir a pequenas verdades impostas ao longo de afazeres básicos do cotidiano, que serão utilizadas por fim, no

fundamento das grandes verdades trazidas pelos governantes em seus discursos políticos.

Toda esta carga valorativa indireta e também direta dos discursos políticos, segundo o filósofo, tem grande influências das concepções da linguagem, ou seja, da forma como é exposta ao povo, dos meios utilizados na transmissão da informação, refletindo grande influência sobre o sujeito que está ouvindo.

Tal argumentação se verifica, tendo em vista a máxima de que o discurso até pode estar bem fundamentado, mas se o sujeito ouvinte não aceita o argumento, o mesmo não tem validade alguma.

De outro modo, o discurso pode não fazer sentido algum, mas se bem colocado pelo orador, de uma maneira persuasiva e convincente, o sujeito ouvinte o aceita de bom grado, acreditando nas palavras que lhe foram proferidas, surgindo, então, o poder, ou seja, o poder sobre o sujeito, a governamentalidade da vontade dos outros.

Então, como visto, há uma implicação muito forte entre o discurso (e a forma de proferir o discurso) e a verdade, e esta verdade é o elo de ligação entre o governante e o governado.

A verdade é que será a base do poder do governo dos outros.

Assim, pode-se dizer que no pensamento de Foucault, não há poder sem verdade.

Continuando, o filósofo, que tem como método filosófico de estudo a genealogia, irá buscar através de uma análise externa das instituições, analisar as chamadas por ele de *tecnologias de poder*.

Nestas tecnologias de poder, Foucault irá verificar e diferenciar as diferentes formas de governamentalidade das sociedades exercidas ao longo dos últimos séculos, tendo como preceitos os dispositivos: jurídico, disciplinar e da biopolítica, elaborando as seguintes ligações:

Segurança Jurídica > Lei > Castigo > Lepra > Território:

Neste modelo de governamentalidade, verifica-se um modelo basicamente de exclusão, tendo em vista ser o território um objeto do soberano.

É um sistema de justiça feudal, com base na concepção de território, onde o governante exerce um poder amplo e irrestrito dentro de seu território e na sociedade que ali convive.

Segurança Disciplinar > Norma > Punição > Peste > Corpo:

O cerne da governamentalidade na segurança disciplinar é a norma, baseada em um controle celular tendo por princípios norteadores os bons costumes.

O Estado busca o maior número de informações possíveis sobre os indivíduos, visando delimitar espaços (não se pode excluir pois se espalhará a peste), deve-se controlar.

Nesta fase, é onde surge a arte de governar.

O governo se procede de uma forma pensada, é um Estado administrado, com regulamentos, disciplinas, fronteiras e limites territoriais.

Segurança Biopolítica > Estatística > Controle > Varíola > População:

Neste novo aspecto da governamentalidade, o norte principal já não é mais o sujeito em si, o indivíduo, mas sim, populações. Assim, visa-se conhecer os fenômenos, não o indivíduo afetado.

O cerne da governamentalidade biopolítica é a população. Nesta nova concepção de governo, a razão de Estado é modificada, tendo a economia política como foco principal.

A sociedade deve ser controlada pelo estado, e para tanto a estatística é fundamental.

É no conhecimento estatístico que serão baseadas todas as diretrizes da governamentalidade visando a prevenção e premeditação dos possíveis acontecimentos.

Nesta nova forma de governo, o foco é o controle de tendências, uma vez que está-se diante da gestão de populações.

3 SEGURANÇA BIOPOLÍTICA, BIOPODER E O PODER PASTORAL

Para se iniciar o estudo da governamentalidade de populações, é pertinente analisar-se o conceito de biopoder para Foucault.

Segundo o filósofo (FOUCAULT, 2008), O biopoder, está relacionado com os traços biológicos da espécie humana que entram em estratégias políticas. De forma resumida, poderia se dizer que é um poder sobre a vida, o qual poderá ser assegurado por tecnologias ou dispositivos com funções específicas.

Com o intuito de se compreender melhor como surge e funciona o biopoder, Foucault que utilizava em seus estudos, o método genealógico, faz uma regressão histórica até o chamado *poder pastoral*, que remonta às primeiras civilizações.

É nesta regressão histórica, que Foucault chegará até as noções mais atuais de governamentalidade e de condução populacional, na qual irá surgir um novo tipo de subjetivação, tendo por pano de fundo o liberalismo.

Para fazer esta análise do *Poder Pastoral*, Foucault, passa a se indagar no sentido de se é possível se passar ao exterior (análise externa), quanto ao próprio Estado: “será que se pode falar de algo como uma ‘governamentalidade’, que seria para o Estado o que as técnicas de segregação eram para a psiquiatria, o que a biopolítica era para as instituições médicas?” (FOUCAULT, 2008, p. 162)

Para esta resposta, Foucault vai analisar o sentido literal da palavra “governar”, que em suma seria seguir um caminho ou fazer seguir um caminho.

Após, analisa o significado de ordem moral:

“Governar” pode querer dizer “conduzir alguém”, seja no sentido, propriamente espiritual, do governo das almas – sentido então plenamente clássico, que vai durar e subsistir por muito, muito tempo -, seja de uma maneira ligeiramente defasada em relação a isso, “governar” pode querer dizer “impor um regime”, impor um regime a um doente: o médico governa o doente, ou o doente que se impõe certo número de cuidados se governa. (FOUCAULT, 2008, p. 163)

Foucault defende que os homens é que são governados, neste sentido: “os que são governados, portanto, inicialmente, fundamentalmente, pelo menos através dessa primeira pesquisa, são os homens” (FOUCAULT, 2008, p. 164).

Esta idéia de governabilidade dos homens, não se encaixa na cultura grega, nem romana, para Foucault, essa concepção de um governo dos homens, irá surgir primeiramente na organização de um poder pastoral, onde o rei, o Deus ou o chefe seja um pasto em relação aos homens, que são como seu rebanho.

Esse modelo de governo, é o que vigorou nos antigo Egito, na Assíria, na Mesopotâmia e encontrava-se presente principalmente entre os hebreus.

Para o Filósofo, o pastorado era um tipo de relação fundamental entre Deus e os homens, sendo o rei, um participante desta estrutura pastoral da relação existente entre Deus e os homens. (FOUCAULT, 2008).

Após esta primeira análise, Foucault irá refletir que o poder pastoral possui três características fundamentais.

Primeiramente, ele é um poder que visa o bemfazer, fazer o bem, (não um “fazer o bem” na concepção romana ou grega, onde esta prática seria uma virtude como a riqueza, a onipotência, o triunfo sobre os inimigos), mas sim, ter a concepção de fazer o bem como próprio fundamento do poder pastoral.

Neste sentido, segue o pensamento do filósofo:

Sendo o poder pastoral, a meu ver, inteiramente definido por seu bem fazer, ele não tem outra razão de ser senão fazer o bem. É que, de fato, o objetivo essencial para o poder pastoral é a salvação do rebanho. Nesse sentido, pode-se dizer, é claro, que não se está muito

distante do que é tradicionalmente ficado como o objetivo do soberano – a salvação da pátria(...). Mas essa salvação que deve ser assegurada ao rebanho tem um sentido muito preciso nessa temática do poder pastoral. A salvação é, antes de mais nada e essencialmente, os meios de subsistência. Os meios de subsistência abundantes e a alimentação garantida são os bons pastos. (FOUCAULT, 2008, p. 170).

Em segundo lugar, o poder pastoral é um poder de cuidado, “se manifesta num dever, numa tarefa de sustento, de modo que a forma (...) que o poder pastoral adquire não é, inicialmente, a manifestação fulgurante da sua força e da sua superioridade. (FOUCAULT, 2008, p. 170-171) é um poder que se manifesta por seu zelo, sua dedicação, sua aplicação e cuidado infinito. “O pastor é aquele que zela (...). Ele vai zelar pelo rebanho, afastar a desgraça que pode ameaçar qualquer animal do rebanho”. (FOUCAULT, 2008, p. 170).

Assim, toda esta a preocupação do pastor é uma preocupação voltada para os outros, nunca para si próprio, tanto que, para Foucault, é nesta análise que pode-se diferenciar o bom do mau pastor.

O mau pastor é aquele que somente irá pensar no pasto para seu próprio lucro, para engordar o rebanho e vendê-lo, sem sentimento algum; já o bom pastor é aquele que pensa somente em seu rebanho e em nada além dele, não busca nem o seu próprio proveito, caso esteja em detrimento do proveito do rebanho. (FOUCAULT, 2003).

A terceira característica trazida pelo filósofo, é da idéia de que o poder pastoral é um poder individualizante, uma vez que é o pastor quem dirige todo o rebanho, mas ele só poderá dirigir bem, na medida em que não haja nenhuma ovelha em risco de escapar.

Segundo o filósofo, o pastor:

Faz tudo pela totalidade do rebanho, mas faz tudo também para cada uma das ovelhas do rebanho. É aqui que chegamos ao célebre paradoxo do pastor, que adquire duas formas. Por um lado, o pastor tem de estar de olho em todos e em cada um, o que vai ser precisamente o grande problema tanto das técnicas de poder no pastorado cristão, como das técnicas de poder, digamos, modernas, tais como foram introduzidas nas tecnologias da população de que lhes falava. (FOUCAULT, 2008, p. 172).

Diante de todas estas análises, é que o filósofo irá concluir que a idéia de um poder pastoral é a idéia de um poder que se exercer mais sobre uma multiplicidade do que sobre um território. “É um poder que guia para um objetivo e serve de intermediário rumo a esse objetivo. (...) É, enfim, um poder que visa ao mesmo tempo todos e cada um em sua paradoxal equivalência, e não a unidade superior formada pelo todo”. (FOUCAULT, 2008, p. 173).

Assim, verifica-se através das análises de Foucault, que foi no poder pastoral que surgiu a gênese da governamentalidade biopolítica, ligada fundamentalmente a esta concepção de biopoder, ou poder sobre a vida do rebanho, sendo, também, um dos principais fatores do surgimento do Estado moderno.

4 A FALSA SENSAÇÃO DE LIBERDADE E O GOVERNO DAS VONTADES

Este biopoder, é que vai ser o embrião de surgimento do Estado moderno e sua nova forma de governar.

Neste estado, estaremos diante de uma população. Agora, os problemas não envolvem mais casos isolados como a exclusão de leprosos, ou da peste (disciplinar, corrigir, vigiar), os problemas dizem respeito à epidemias, circulação de produtos, comércio interno e externo, de forma que o novo desafio agora é: como governar uma população?

No sistema antigo de se governar, o foco era individualizado, se vigiava, se punia, se controlava. Agora, a nova ordem é o controle de estatísticas.

Assim, esta concepção de governamentalidade, é que, também, será um dos principais fatores do surgimento do Estado moderno, que terá como embrião de sua existência, a gestão do biopoder nas diretrizes de governo e da forma de administrá-lo, onde o foco principal será a gestão de populações.

Nesta nova concepção de governamentalidade, onde o desafio é administrar populações, os problemas e dificuldades a se enfrentar não são mais casos isolados, individualizados como exclusão de leprosos, ou controlar a peste, mas sim, estar-se-á diante de grandes epidemias.

Neste novo modelo de gestão, se estará além de disciplinar, corrigir e vigiar.

O governante estará diante de dificuldades atinentes à circulação de produtos, importações, exportações, comércio interno, circulação de divisas, questões monetárias, epidemias, entre outros aspectos da vida de uma grande população.

Para a realização deste governo de populações, uma ferramenta de administração é fundamental, que é o conhecimento estatístico.

No entender de Foucault (2008), os procedimentos comportamentais individualizados dos membros da localidade são meramente fatos isolados. Para o governante o importante é a coletividade e não o indivíduo isolado.

E é justamente nesta concepção de aparência de afastamento de controle individual, do afastamento dos métodos de vigiar e punir individualmente, que surgirá o pensamento da sociedade e estar vivendo uma grande liberdade, que no caso, é uma falsa concepção de liberdade, como veremos no decorrer do presente esforço.

A visualização destas políticas aparentemente liberais do soberano, que no presente modo de governar preocupa-se com estatística, coletividade, e não mais com a individualidade de cada um, acaba gerando no indivíduo uma sensação virtual de estar totalmente livre para fazer o que bem entender, uma vez que não está sendo vigiado e monitorado individualmente pelos olhos atentos do soberano, como era em tempos passados da história.

Esta falsa sensação de liberdade, é em grande parte baseada na possibilidade de movimentar-se, deslocar-se, fazer circular pessoas e coisas de forma livre.

Tais acontecimento, aparentemente, geram uma sensação de liberdade ao indivíduo.

É sobre esta linha de raciocínio que se pronuncia Foucault:

De fato esta liberdade, ao mesmo tempo ideológica e técnica de governo, essa liberdade deve ser compreendida no interior das mutações e transformações das tecnologias de poder. E, de um modo mais preciso e particular, a liberdade não é nada mais do que o correlato da colocação em funcionamento dos dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 2008, p. 50).

Neste sentido, verifica-se que esta sensação de liberdade não pode em hipótese alguma, ser encarada como um privilégio ou de certa forma até algo próprio da pessoa, mas sim, algo produzido pelas tecnologias de poder. Um poder que regula e opera a partir da liberdade de cada um (FOUCAULT, 2008).

Deve ser encarada como uma liberdade que é produzida na mente de cada um através de seus desejos, vontades e “necessidades”, induzidas pelas técnicas da governamentalidade de populações, desenvolvidas pelos governantes ao longo da história.

E diante destas reflexões, que verifica-se estar-se em um meio, onde o indivíduo deve refletir e duvidar de todas as verdades e desejos que sabe e sente, pois nesta ligeira visão aparente, não se poderá distinguir se os fatores verificados são reais ou induzidos psicologicamente.

5 A NECESSIDADE DE SE SAIR DESTE ESTADO DE MENORIDADE, PARA ALCANÇAR A VERDADEIRA LIBERDADE

Em uma sociedade onde a maioria de nossas necessidades é produzidas pelos outros, induzida, nós não somos *livres* como diriam os filósofos modernos.

A liberdade contemporânea, no entender de Foucault (1998), está fundamentalmente na capacidade do governo dos desejos.

Atualmente, o homem está constantemente sendo exposto a uma máquina de produção dos desejos e “necessidades”, e ele somente conseguirá ser realmente livre quando conseguir enxergar isto, sair deste estado de menoridade.

Na sociedade contemporânea, a pessoa realmente livre, é quem tem a virtude de não ser facilmente manipulada.

Kant, em um texto de 1784, respondendo a pergunta: o que é iluminismo, aborda de forma brilhante a presente temática:

O iluminismo é a saída do homem de um estado de menoridade que deve ser imputado a ele próprio. Menoridade é a incapacidade de servir-se do próprio intelecto sem a guia de outro. Imputável a si próprios é esta menoridade se a causa dela não depende de um defeito da inteligência, mas da falta de decisão e da coragem de servir-se do próprio intelecto sem ser guiado por outro. Sapere aude! Tenha a coragem de servir-te da tua própria inteligência! (KANT, 1974, p. 100).

Seguindo sua resposta, Kant (1974), irá argumentar que a preguiça e a vileza são as grandes causas que ainda fazem o ser humano permanecer no estado de menoridade, por vezes, durante toda vida, sendo esta a razão que faz com que seja tão fácil que outros se erijam como tutores destas pessoas.

É tão cômodo ser menor! Se eu tiver um livro que pensa por mim, um diretor espiritual que tem consciência por mim, um médico que decide por mim sobre a dieta que me convém, etc. não terei mais necessidade de me preocupar por mim mesmo. Embora eu goze da possibilidade de pagar, não tenho necessidade de pensar: outros assumirão por mim essa enjoada tarefa. (KANT, 1974, p. 100).

Kant (1974) irá dizer também que além da comodidade supra-referida, grande parte das pessoas vão pensar que esta passagem ao estado da maioridade é muito perigosa, acovardando-se, já que os tutores os cuidam com muita benevolência.

Neste sentido, este estado de menoridade, tornou-se uma segunda natureza para este homem, ele chega até a amá-la

Esta triste realidade, é vivida até os dias de hoje, tendo em vista a constante submissão que o cidadão apresenta diante do governo de outros, seguindo a vontade dos outros, sem as vezes, sequer questionar tal situação.

Porém, segundo Kant (1974), todo ser humano que tenha vontade de sair da minoridade é capaz de conseguir por si próprio. De certo modo, a saída da

minoridade seria no sentido de que se o indivíduo tiver algum problema, deverá ele, por si próprio, buscar a solução, não esperar que o outro o faça, seja por solidariedade ou por meio de pagamento, porque se este outro o fizer pelo indivíduo, este mesmo continuará seguindo a vontade dos outros.

Assim, neste estado de liberdades produzidas em que nos encontramos, Foucault (1998), irá nos demonstrar que só será realmente livre, quem praticar a ética do cuidado de si, que *livre* é a pessoa que tem a *virtude* de não ser uma pessoa facilmente manipulada.

Foucault (1998) irá trabalhar a idéia de que se o indivíduo pretende ser livre, ele terá que ter uma relação de poder consigo mesmo, irá evidenciar, fazendo sua genealogia, que até na Bíblia encontraremos passagens se referido aos conselhos divinos onde Deus evidencia que o indivíduo tem que cuidar de si mesmo, e esse cuidado não é com seu patrimônio ou outras coisas, mas sim, aperfeiçoar a alma com o cuidado de si.

Neste sentido, percebemos o quão importante é a pratica do cuidado de si para a saída da menoridade em que se encontra o ser humano, e conseqüentemente, alcançar a verdadeira liberdade.

6 A PRÁTICA DO CUIDADO DE SI, COMO ALTERNATIVA PARA SE ALCANÇAR A SAÍDA DA MENORIDADE

Sobre toda esta temática de estado de menoridade, sociedade administrada ou sociedade de controle, RUIZ (2008) argumenta que:

Os novos dispositivos de poder não utilizam mais a força bruta para dominar senão que procuram influenciar e produzir os modos de subjetivação. Seu objetivo é adaptar o mais possível a subjetividade de cada indivíduo às demandas do sistema. Defendemos a tese de que a atual sujeição do indivíduo se desenvolve através da relação entre ética e poder. (RUIZ, 2008, p. 35-36).

Neste sentido, “ao analisar as relações de poder e os modos de subjetivação certamente chocaremos com a condição ética do sujeito. Isso nos levará

a repensar não o código ético, mas a prática ética como modo de constituição do sujeito". (RUIZ, 2008, p. 36).

No pensamento de RUIZ (2008), a subjetividade do sujeito somente se constitui através das práticas éticas. É a prática ética que tem o poder de constitui a subjetividade, sendo dois, os modos de subjetivação: um modo induzido de forma heterônoma pelas estruturas do poder, as quais visam sujeitar o indivíduo aos seus interesses; e um outro modo pensado a partir da criação de uma vontade livre, não escravizada.

O alcance desta vontade livre, deste alcance de maioria, desta saída das sujeições impostas, Foucault (1999) fazendo sua genealogia, irá buscar nos códigos e legislações, bem como na vasta literatura existente, os elementos da doutrina amplamente difundida no mundo antigo, a qual foi relegada a um segundo plano na filosofia moderna, que é a concepção do primado do cuidado de si, ou seja, que é preciso cuidar de si mesmo.

Segundo Foucault (2004), o cuidado de si seria uma atitude filosófica originária na cultura grego-romana, tendo Sócrates como seu maior expoente. Ele é o primeiro que toma para si a responsabilidade de interpelar os indivíduos visando que cuidem de si mesmos.

Mas afinal, se é esta prática constante do cuidado de si, a qual poderá tirar o indivíduo da menoridade, irá libertá-lo da situação de não ser capaz de perceber a influência externa dos dispositivos de poder que interferem em sua vontade, o que é este cuidado de si?

Ruiz, de forma objetiva, irá responder que:

Na ética do cuidado de si a liberdade não se realiza ao fazer tudo o que se quer, mas quando se aprende a discernir o que se quer e se tem a capacidade (*enkrateia*) de governar as pulsões que podem desviar do caminho do bem e da justiça. A subjetividade é onde a ética e o poder se articulam para conseguir uma prática de liberdade ou de escravidão. (RUIZ, 2008, p. 43).

Assim, nesta ética do cuidado de si, o dilema do indivíduo será ser escravo de si ou governar seus impulsos. “Livre é quem comanda seus desejos, não se deixa levar por qualquer um, mas sabe discernir (*phronesis*) e agir (*práxis*)”. (RUIZ, 2008, p. 44).

Esta relação entre desejo e liberdade é uma relação muito pertinente na realidade política que vivemos.

De acordo com RUIZ:

Nas sociedades contemporâneas as estruturas fabricam apelos instintivos de toda espécie e induzem a conduta dos sujeitos identificando sua liberdade com a satisfação dos desejos induzidos. Este é um dos dilemas contemporâneos da ética e o poder. Um dilema político no qual o sujeito desvencilha a alternativa de sua existência social como sujeito livre ou sujeitado. Sua liberdade não mais poderá ser identificada como realização de desejos, pois estes são em grande parte produzidos pelas estruturas do sistema. (RUIZ, 2008, p. 39).

Neste sentido, pode-se dizer que a liberdade sentida pelo indivíduo é uma liberdade virtual. “o sujeito pode estar sendo sujeitado na mesma prática em que se sente livre. (...) Estamos dentro de uma sinuosa trama de sentidos em que tudo pode parecer o que não”. (RUIZ, 2008, p. 39).

Assim, para o indivíduo alcançar a verdadeira liberdade, deve seguir o conselho Socrático e conhecer a si mesmo, para posteriormente, cuidar de si mesmo, visando esclarecer-se e raciocinar acerca do que lhe depara, sempre visando a reflexão de que tal acontecimento ou situação, não faz parte de técnicas de governo visando induzi-lo, direcioná-lo, manipulá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, conclui-se que mesmo vivendo em um mundo obcecado pelo consumo rotular, técnicas de sujeição de vontade e criação de sensações falsas de liberdade, é possível se *iluminar* e buscar o esclarecimento.

Como visto, Foucault nos demonstra que a situação que nos encontramos atualmente de escravidão e manipulação de desejos, está diretamente

ligada com técnicas de governamentalidade biopolíticas, e o que pensamos, pode, na verdade, ser o que os outros querem que pensamos.

Esta nova governamentalidade remonta ao poder pastoral e está diretamente ligada com a relação de biopoder, o poder sobre a vida.

Neste sentido, o sujeito deve buscar ao máximo, ter ele o poder sobre sua vida. Cuidar de si mesmo, esclarecer-se, raciocinar. Deve buscar ao máximo se libertar destas amarras psicológicas, buscar a liberdade, mas não a liberdade virtual que lhe é demonstrada, e sim a verdadeira liberdade.

Acontece, que para conseguir enxergar esta verdadeira liberdade, o sujeito deverá enfrentar os modos de sujeição pelos quais é sujeitado, sair do seu estado cômodo e confortável estado de minoridade em busca do esclarecimento. *Sapere Aude!*

E esta busca pelo esclarecimento, como vimos em Foucault, só se dará quando praticarmos a ética do cuidado de si, descobrindo o que somos e recusando o que nos produziram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. “**Moral e prática de si; Enkrateia**”. In: Id. **História da sexualidade vol. II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol. III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Omnes ET Singulatim: uma crítica da razão política**. In: Id. **Ditos e Escritos IV. Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martin Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martin Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **El Gobierno de si y de los otros**. México: F.C.E, 2009.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta**: O que é esclarecimento [Aufklärung]. In: Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1974.

RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. **Ética e poder**: a sujeição política, novo dilema ético. In. Veritas, v. 53, abr/jun. 2008.